



ter

Nº44 janeiro - abril 2022



Escola Profissional
AMAR TERRA VERDE

TRADIÇÕES



Tradições:

*o que fazemos
com elas*

Rita Ribeiro
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho



Faz isto há muito tempo?

- Faça, fiz sempre assim.

E porque continua a fazer assim?

- Então... porque é tradição.

Nas sociedades modernas, a tradição tornou-se um valor em si mesmo. O pequeno diálogo acima ilustra uma das mais comuns narrativas justificadoras da defesa, preservação e salvaguarda de modos de fazer que se foram esbatendo com a modernização das sociedades, desde danças e trajes à produção artesanal dos bens necessários à vida de todos os dias. O que teriam sido modos de fazer habituais no passado foram transformados pela modernidade em reminiscências que ficaram na memória colectiva e que são valorizadas por serem pegadas gravadas nos trilhos do passado. A tradição é comumente entendida como uma sobrevivência de tempos imemoriais, uma representação que homenageia antepassados e uma forma de afirmar singularidades distintivas de grupos e territórios.

A análise reflexiva das ciências sociais tem, todavia, mostrado que as tradições não são meramente modos de fazer que vêm do passado, não são a mera replicação do que outros antes de nós fizeram. Podemos imaginar quantas práticas culturais se desvaneceram no tempo, sem qualquer rasto na memória colectiva? Técnicas de produção artesanal, expressões linguísticas, narrativas orais, danças e cantares, saberes sobre a natureza – quantas em

algum momento deixaram de ser passadas às gerações seguintes sem que isso tenha sido visto como uma perda? Apenas perderam o sentido ou a função que desempenhavam na vida social. Isto leva-nos a perceber que as tradições são as escolhas que se fazem no presente acerca do que desejamos preservar do passado. Na verdade, nas sociedades modernas, quando optamos por preservar e manter certas tradições elas já não se fazem como repetição de um passado sacralizado, mas, pelo contrário, escolhemos do passado o que queremos celebrar no presente.

Para compreender-se o lugar das tradições nas sociedades contemporâneas, é necessário perceber o que representa hoje a tradição. Em contraponto aos valores centrais da modernidade – progresso, racionalismo, mudança, velocidade –, a tradição é uma âncora em terrenos firmes. A tradição é o fio que liga as comunidades, oferece sentido de pertença e enraizamento identitário, compensando a volatilidade dos laços sociais contemporâneos.

As manifestações culturais tradicionais adquirem, portanto, novas funções e são-lhes dados novos usos sociais e políticos. As celebrações tradicionais já não se fazem apenas por devoção religiosa ou como acontecimento lúdico, não competem com os meios produtivos industriais nem substituem nenhum elemento do estilo de vida urbano e moderno. Adicionam-se novas intencionalidades às práticas tradicionais e ganham importância outros agentes sociais. Desde logo, as populações que as mantêm olham para as suas tradições a partir de perspectivas que não são as que moldavam o mundo dos seus antepassados. Mesmo que apliquem com rigor a máxima de “fazer como sempre se fez”, o significado dessas acções é, em muitos aspectos, bem diverso do que havia sido. Dito de outro modo, as tradições passam a servir propósitos que estão para lá das suas dinâmicas intrínsecas e das fronteiras das comunidades locais.

Assiste-se hoje a um movimento de reconhecimento e valorização das manifestações culturais tradicionais, fortemente estimulado pela UNESCO, que aprovou em 2003 a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (ratificada por Portugal em 2008). De acordo com o Artigo 2º, 1. da Convenção, entende-se por património cultural imaterial

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos (...), incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.

Este documento enquadra na noção de patrimó-

nio cultural imaterial as seguintes formas culturais: tradições e expressões orais; expressões artísticas e manifestações de carácter performativo; práticas sociais, rituais e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo; competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais (Artigo 2º, 2.).

A Convenção produziu efeitos marcantes na valorização política e social de formas tradicionais de cultura, muitas em vias de desaparecimento ou depreciadas pelas elites culturais. Resgatadas da invisibilidade, as tradições conquistaram atenção e interesse de múltiplos agentes e tornaram-se objecto de estudo e de medidas de salvaguarda. Na sequência da noção de Património Cultural Imaterial instituída pela UNESCO, multiplicaram-se as classificações do mesmo teor no âmbito nacional e local. É exemplo, em Portugal, o Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial, estabelecido em 2009.

Para as comunidades detentoras de herança cultural as “políticas do património” vêm acrescentar mais uma camada de sentido às suas expressões culturais. Crescentemente influenciadas por conceitos exógenos, as comunidades redobram o orgulho nas suas tradições, investem tempo, energia e recursos financeiros na sua continuidade e engrandecimento e percebem que a sua festa, as suas lendas, os seus saberes, os seus rituais e crenças já não são (apenas) seus.

O reconhecimento como “Património Cultural Imaterial” tornou-se um emblema apetecível, uma marca de qualidade e um valor garantido. À volta das manifestações culturais tradicionais gravitam, portanto, muitos agentes e interesses atraídos pelas oportunidades que se criam em múltiplos campos. Como tal, a herança cultural desdobra-se em novas funções e usos: atractivo turístico, conteúdo mediático, elemento estratégico em planos de desenvolvimento, celebração de massas.

Podemos constatar, portanto, que as últimas décadas (e mais extensivamente os últimos séculos) trouxeram transformações acentuadas ao que designamos por tradições ou cultura tradicional. Tendo ficado nas margens e cantos esconsos do modo de vida moderno, as tradições estão sob um duplo processo. Por um lado, as políticas para o património cultural imaterial contribuíram fortemente para a identificação, reconhecimento e salvaguarda de manifestações culturais frequentemente ameaçadas ou em declínio e captaram a atenção de decisores políticos, estudiosos, entre outros agentes relevantes quanto a uma actuação concertada e informada sobre estas formas da cultura tradicional. No reverso deste efeito benigno, devem assinalar-se também alguns riscos. A notoriedade e enaltecimento dados às expressões culturais tradicionais deram-lhes um lugar nas rotas turísticas, assim como ampliaram o frenesim mediático à sua volta (quer na televisão e na rádio, quer nas redes sociais). Há hoje um risco de festivalização das tradições (pelo menos, de algumas), que vêem acoplar-se a si um conjunto de actividades e práticas que, em boa medida, lhes são alheias. Abrem-se as portas aos forasteiros, potencia-se a mercantilização das culturas locais e assiste-se ao subtil ajustamento ao gosto do público, dos patrocinadores ou dos decisores

políticos.

Nas tradições abriga-se um profundo sentido de pertença e de identidade. Para quem lhes dá vida e nelas participa ano após ano, seja individualmente ou como parte de uma comunidade, as tradições oferecem o enraizamento, a contiguidade com o passado, os vínculos afectivos e a emoção colectiva que a instabilidade da vida contemporânea tende a enjeitar. Há, por isso, que perceber que para lá de políticas de protecção ou estímulos económicos, as tradições manter-se-ão se se mantiver o sentido para quem as faz, sendo que não há uma motivação única, mas muitas visões e aspirações que cada um transporta para a sua tradição. Mas não pode esquecer-se que a cultura tradicional não deve ser pensada como algo cristalizado e sem temporalidade, que não é estática, passiva ou imune às mudanças; pelo contrário, foi e é moldada dinamicamente pelos tempos que atravessam e pelas vontades que, por necessidade, paixão e saber, se mobilizam para lhes dar continuidade. A tradição, para ser o que era, já não pode ser o que era. •



... as comunidades redobram o orgulho nas suas tradições, investem tempo, energia e recursos financeiros na sua continuidade e engrandecimento e percebem que a sua festa, as suas lendas, os seus saberes, os seus rituais e crenças já não são (apenas) seus.